# Décima quinta carta — A Genuflexão, sinal exterior e universal da adoração

> **Sumário.** Os sete mil homens que não a fazem diante de Baal. — Mardoqueu. — Salomão. — Daniel. — Isaías. — Nosso Senhor. — São Pedro. — São Paulo. — Os primeiros cristãos. — A Legião fulminante. — Costume de rezar de braços em cruz.

*12 de julho.*

Meu caro Frederico,

Vejo pela tua carta de ontem que estás impaciente por saber por que a nossa correspondência se intitula: *A Genuflexão no século XIX*. Tal título te parece estranho; e pensas, não sem razão, que o parecerá a muita gente. Para justificá-lo bastarão, espero, algumas palavras de explicação; mas peço-te que as aguardes ainda um pouco: o assunto principal que nos ocupa pede novas explicações.

Fundado no texto de são Paulo, que serve de epígrafe às nossas cartas, mostrei que a Genuflexão é uma lei da criação inteira: lei sempre subsistente e sempre obrigatória. Com efeito, a adoração é a primeira lei dos seres; e, façam o que fizerem, não podem subtrair-se a ela. Ora, a Genuflexão é o ato exterior da adoração. Tal é, do ponto de vista religioso, o sentido que teve em todos os tempos e entre todos os povos. Eis alguns exemplos:

Sob o reinado cismático dos últimos reis de Israel, houve uma época bastante semelhante à nossa. O profeta Elias a descreve nestes termos:

> *Eu me consumo de zelo pelo Senhor Deos dos exercitos, porque os filhos d'Israel deixárão o teu pacto: destruirão os teus altares, matárão os teus profetas á espada, e eu fiquei só, e elles me procurão para tirar-me a vida.*

> *Vai, diz-lhe o Senhor, e torna ao teu caminho pelo deserto [...]. Eu me reservarei para mim em Israel sette mil homens, que não dobrárão os joelhos diante de Baal, e não beijárão as mãos com a boca para o adorar.*[1]

Vês claramente nessa passagem que a Genuflexão é o sinal exterior da adoração.

Vemo-lo não menos claramente na história de Mardoqueu. Os monarcas pagãos do antigo Oriente, os Nabucodonosor, os Xerxes, como os Césares de Roma, os Nero, os Calígula, levavam o orgulho ao ponto de fazer-se deuses. A esse título queriam, sob pena de morte, ser adorados. Seguindo o exemplo de seus senhores, os grandes do império aspiravam à mesma honra e ostentavam as mesmas pretensões. Primeiro-ministro de Assuero, rei da Pérsia, Amã passava por deus, se não de primeira ordem, ao menos de segunda. O próprio Assuero ordenara que o reconhecessem como tal. Por conseguinte, quando ele passava, todos os oficiais do palácio eram obrigados a fazer a genuflexão diante dele.

Esse ato era tão bem um sinal de adoração no sentido religioso da palavra que, com risco da própria vida, o fiel Mardoqueu recusou constantemente fazê-lo. Ele mesmo o vai declarar. Depois da libertação dos Judeus, dirigindo suas ações de graças ao Senhor, diz:

> *Tu tudo conheces, e sabes que não por soberba nem por desprezo, nem por alguma cobiça de glória tenho feito isto, de não adorar ao altivo Aman (porque pela salvação de Israel pronto estaria a beijar com gôsto os vestígios das suas pisadas), mas temi trasladar para um homem a honra de meu Deus, e adorar a outro algum, que não fôsse o meu Deus.*[2]

Seria fácil multiplicar os exemplos para mostrar que entre os Judeus a genuflexão sempre foi o sinal da adoração. Salomão, Daniel, Miqueias, Isaías, Esdras o provam por sua conduta e por suas palavras. Salvo em algumas grandes solenidades, os Judeus rezavam de joelhos: daí a censura merecida que Nosso Senhor inflige aos escribas e fariseus, que rezavam de pé.

A significação que tinha entre o antigo povo de Deus, a Genuflexão a conservou entre o novo povo de Deus: nada menos surpreendente. O próprio Nosso Senhor dera o exemplo. No momento de morrer, adorando uma última vez seu Pai, prostra-se diante dele e lhe dirige a comovente oração que todos conhecemos. O chefe da Igreja, são Pedro, imita o divino Mestre em Jope; são Tiago, em Jerusalém; são Paulo, em Mileto e em Roma; são João, em Patmos; e assim os outros.[3]

Nenhum elo falta a essa tradição. Ouçamos os Padres apostólicos. São Justino, santo Irineu, Tertuliano nos ensinam que os primeiros cristãos tomavam, como nós, duas atitudes na oração. Durante os seis dias da semana, rezavam de joelhos; no domingo e da Páscoa até Pentecostes, de pé.

> *De onde veio esse costume na Igreja?, pergunta são Justino. Veio da necessidade em que estamos de lembrar sempre, ao mesmo tempo, a nossa queda em Adão e a nossa ressurreição por Jesus Cristo. Assim, a nossa genuflexão durante seis dias é sinal e símbolo da nossa queda pelo pecado. Rezando de pé no dia do domingo, anunciamos a ressurreição, pela qual Nosso Senhor nos libertou do pecado e da morte.*[4]

E Tertuliano:

> *Consideramos ilícito jejuar no domingo e rezar de joelhos. Gozamos do mesmo privilégio desde a Páscoa até Pentecostes.*[5]

Em suas notas sobre Tertuliano, Pamélio acrescenta:

> *O tempo de Pentecostes é tempo de alegria e de vitória, durante o qual não dobramos os joelhos nem nos prostramos; mas nos elevamos para o céu com Nosso Senhor.*[6]

Encontramos o mesmo ensinamento em santo Agostinho, em são Máximo, em santo Isidoro.[7]

Não eram apenas as mulheres, as crianças, os homens do povo que rezavam de joelhos; eram os homens de todas as condições. Não era apenas nas igrejas, mas em público que se dobravam os joelhos diante de Deus, quando se tratava de conjurar alguma grande desgraça. Temos um exemplo memorável na Legião fulminante.

Sob o imperador Marco Aurélio, o exército romano acha-se preso num desfiladeiro e exposto a perecer de sede. Nessa extremidade, a Legião fulminante, toda composta de cristãos, cai de joelhos como um só homem. A oração desses bravos sobe ao céu e a chuva desce: *Ascendit deprecatio, et descendit Dei miseratio* (*«subiu a súplica, e desceu a misericórdia de Deus»*). O exército está salvo e, em sua carta ao Senado, Marco Aurélio reconhece que é à oração dos cristãos que ele deve a sua salvação.[8]

Já que a ocasião se apresenta, quero, meu caro amigo, falar-te de outra atitude dos cristãos durante a oração: rezavam de braços em cruz. Essa atitude, que o sacerdote ainda conserva durante a missa, que ainda hoje observam os fiéis em parte da Alemanha e da Suíça, tem uma profunda significação. Primeiro, que fosse de uso geral entre os primeiros cristãos, os monumentos da nossa venerável antiguidade dão testemunho.

O grande Apóstolo a recomendara. Do fundo de sua prisão de Roma, escreve a seu discípulo Timóteo:

> *Quero pois que os homens orem em todo o lugar, levantando as mãos puras, sem ira, e sem contenda.*[9]

Eis o uso de rezar de mãos estendidas. Mas aqui se apresenta uma questão cuja solução não carece de interesse. Por que são Paulo quer que os homens orem em todo lugar? Ouve a bela resposta de santo Agostinho:

> *Para os cristãos, diz o grande bispo, todo lugar tornou-se um oratório. Deus havia ordenado aos Judeus que deixassem toda a terra e só lhe oferecessem os seus sacrifícios e orações num único lugar. A razão é que então toda a terra estava maculada pela fumaça dos altares, pelo cheiro das vítimas e pelas outras impurezas pagãs, que se estendiam por toda a sua superfície. Mas agora que Jesus Cristo veio purificar a terra inteira, todo lugar se tornou um oratório. Eis por que o Apóstolo exorta e manda orar por toda parte, dizendo: Quero que os homens orem em todo lugar.*[10]

A recomendação do Apóstolo era levada a sério. Se tivéssemos descido a uma cripta de nossas imortais catacumbas, que espetáculo teria ferido a nossa vista! Teríamos visto nossos pais, nossas mães, nossos irmãos e nossas irmãs, jovens ou mais velhos, todos candidatos ao martírio, rezando juntos na atitude descrita por Tertuliano:

> *Rezamos de olhos elevados ao céu, de mãos estendidas, porque somos puros; de cabeça descoberta, porque não nos envergonhamos; sem quem nos sopre as palavras, porque rezamos do coração. Todos juntos rogamos sem cessar por todos os imperadores; para eles pedimos uma vida longa, um império tranquilo, um palácio sem ciladas, exércitos valorosos, um senado fiel, um povo virtuoso, a paz do mundo e tudo o que entra nos desejos de César.*[11]

Um espetáculo ainda mais comovente via-se nos anfiteatros. No meio das chamas, os nossos mártires rezavam de mãos estendidas para o céu. Crer que essa atitude datava do cristianismo seria um erro. Pode-se afirmar que é uma lei da humanidade, comum aos Judeus, aos pagãos e a todos os povos; vê-lo-emos na carta de amanhã.

Todo teu.

---

**Notas**

[1] (3 Rs 19, 14-15.18; Rm 11, 4: «Eu reservei para mim sette mil homens, que não dobraráo os joelhos diante de Baal»).

[2] (Est 13, 12-14).

[3] (At 9, 40; 20, 36; Ef 3, 14; Ap 19, 10 e 22, 8, etc.).

[4] *Unde talis in Ecclesia consuetudo? quia utriusque nos oportuit jugem obtinere memoriam, et ipsius per peccatum lapsus nostri, et gratiæ Christi per quam a lapsu resurreximus; quapropter genuum per sex dies inclinatio, symbolum, et nota est lapsus per peccata nostra. Quod vero die dominico genua non flectimus, signum est et designatio resurrectionis, per quam gratia Christi et a peccatis et a morte, quæ ab illo interfecta est, liberati sumus.* São Justino, *Questões*, CXV.

[5] *Die dominico jejunium nefas ducimus, vel de geniculis adorare. Eadem immunitate a die Paschæ in Pentecosten usque gaudemus.* Tertuliano, *Da coroa do soldado*, III.

[6] *Pentecostes tempus lætitiæ atque victoriæ, qua non genu flectitur, nec curvamur.* Pamélio, em *A coroa do soldado*, III, nota 38.

[7] Santo Agostinho, *Carta a Januário*, carta 119, I, 15; São Máximo, *Homilia I sobre Pentecostes*; santo Isidoro, *Dos ofícios eclesiásticos*, cap. XXXIII, etc.

[8] Em são Justino, *Apêndice ao discurso a Antonino*; ver Barônio, ano 58, n.º 110.

[9] *Volo ergo viros orare in omni loco, levantes puras manus, sine ira et disceptatione.* (1 Tm 2, 8).

[10] *Idcirco apostolus hortatur et præcipit sine intermissione orare ubique, dicens: Volo viros orare in omni loco.* Santo Agostinho, *Sermão 130*, sobre a Parasceve, a Cruz e o Ladrão.

[11] Tertuliano, *Apologética*, cap. XXX.

---

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:46 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:46 by Admin